

Editar para quê?

Ailton José Oliveira Sampaio

Universidade Federal da Bahia
40210 Salvador, BA

Resumo – O presente trabalho analisa a função das Editoras Universitárias e questiona o seu papel: editar ou editar e publicar. História, de forma sintética, o movimento dos editores universitários de 1982 até os dias atuais, destacando o PIDL – Programa Interuniversitário para Distribuição do Livro – como alternativa capaz de, entre outras, divulgar a produção cultural e científica da Universidade entre os elementos componentes da comunidade universitária e da sociedade como um todo e intercambiar as obras publicadas pelas Editoras Universitárias.

1 Colocando o tema

O ensino, a pesquisa e a extensão na Universidade Brasileira vivem uma crise sem limites, sem perspectivas a curto prazo e na dependência direta de uma revolução de prioridades, de uma alteração profunda na destinação de verbas e na vontade política e competência técnica de transformar a decadente, ultrapassada e ineficaz Universidade Brasileira em uma instituição capaz de assumir com garra e coragem o compromisso destinado a uma Universidade.

Professores/pesquisadores vivem hoje a angústia da busca da nova universidade, vivenciam a luta pelo ensino público e gratuito, defendem a qualidade desse ensino e perseguem melhores condições de trabalho, af embutida a questão de melhores salários.

Como professores, deparamo-nos a todo instante com obstáculos diversos que tencionam mutilar o nosso “fazer pedagógico”, desde a nossa formação, as possibilidades concretas de atualização, o conteúdo pedagógico a ser ministrado, a clientela e os aspectos qualitativos e quantitativos que a caracteriza, os recursos instrucionais que dispomos até questões outras como a

vida acadêmica do professor universitário, o desenvolvimento de atividades de pesquisa/extensão, as amarras a que nos submetemos pela estrutura de poder à qual estamos vinculados.

Não são, esses e outros, obstáculos nascidos na própria Universidade Brasileira. São, sim, decorrentes da questão nacional maior e determinantes da “crise” universitária que vivemos e tão bem conhecemos.

Editores universitários também vivem hoje a angústia da busca da nova universidade, vivenciam a luta que se trava no interior das editoras universitárias, conscientes de que essa luta se dá sob a sombra da relação de dominação que caracteriza e condiciona a sociedade brasileira e que propicia armas desiguais para garantir os vencedores de sempre.

Como editores, deparamo-nos, a todo instante, com obstáculos diversos que tencionam mutilar o nosso “fazer editorial”, desde a falta de recursos, pessoal não qualificado, apadrinhamento editorial, falta de credibilidade por parte do autor, falta de incentivo ao autor, falta de circulação do livro universitário. Até questões levantadas entre as editoras públicas e privadas, visando, a curto prazo, a privatização das Editoras Universitárias.

Não são, estes e outros, obstáculos nascidos na própria Editora Universitária Brasileira. São, sim, decorrentes da questão nacional maior e determinantes da “crise” que a atinge.

Contrastando com a situação vivenciada pelas Editoras Universitárias, a indústria editorial brasileira é certamente a mais ativa da América do Sul e caminha, seguramente, para ser a primeira indústria livreira do Terceiro Mundo.

Se, por um lado, o desenvolvimento editorial brasileiro nos orgulha, envaidece e nos eleva, por outro, indica-nos alguns pontos para profunda reflexão e cuidadosa análise. São eles:

- a injeção de recursos públicos nas Editoras privadas;
- a subordinação das instituições educacionais ao que foi produzido pelas Editoras privadas e adquirido pelo Governo e as conseqüências inerentes a essa subordinação;
- a ideologia dominante subjacente nos livros didáticos produzidos e veiculados nas escolas, canal por excelência de reprodução das idéias pedagógicas de interesse da classe dirigente.

São os vencedores de sempre se apresentando mais uma vez... e é preciso que estejamos atentos e que se assuma a luta:

Editar é preciso!
Editar é necessário!

Parece-nos, porém, que a questão maior não se refere precipuamente a editar mais. Basta que lembremos as gigantescas tiragens do MOBRAL, que em 1979 chegaram a atingir, em apenas sete títulos, 11.043.375 exemplares, numa média de 1.577.625 por título.

Editar é preciso!
Editar é necessário!

Mas é preciso editar o que é necessário...
É necessário editar o que é preciso!

E aqui me coloco como defensor das Editoras Universitárias, enquanto espaço capaz de garantir a editoração do que é necessário, do que é preciso...

“A Universidade tem por compromisso ser arauto da libertação e tornar-se uma promotora legítima do saber que ela mesmo produz. E, por mais eficaz que seja a sua prática na construção da identidade nacional, seja ela científica ou cultural, o veículo insubstituível é o livro.”

“Não basta à Universidade pesquisar e ensinar. Urge que as experiências das salas de aula e dos laboratórios de pesquisas, identificados com a identidade nacional e comprometidos com a sua história de libertação, permaneçam e cheguem à comunidade universitária e à sociedade em geral através do veículo duradouro que é o livro.”

Editar é preciso!
Editar é necessário!

Mas o que é editar?

Editar – publicar livros, músicas ou periódicos; editorar, edicionar, mostrar, patentear, ostentar.

Então editar não basta!
Editar não é tudo...
É preciso mais!
É preciso que se publique o que foi editado.

Mas o que é publicar?

Publicar – afixar ou apregoar em lugares públicos; levar ao conhecimento público; tornar público e notório.

Publicar – tornar público, manifesto, notório; vulgarizar. Divulgar, espalhar, propalar. Afirmar publicamente; proclamar, pregar. Dar conhecimento de.

Então publicar é fundamental.

Reserva-se às editoras universitárias o relevante papel de garantir a editoração do que é necessário, do que é preciso...

Reserva-se, porém, às editoras universitárias, o significativo destino de também aliar-se à Universidade na defesa do compromisso maior de ser arauto da liberdade e tornar-se uma promotora legítima do saber que ela mesmo produz...

Cabe, pois, à Universidade, através das suas Editoras, editar e publicar.

Não é mais possível aceitar como único, primeiro e último papel das Editoras Universitárias o editar, pois manuscritos transformados em livros/revistas, após passarem por festivos lançamentos, ficam restritos às prateleiras das bibliotecas, quando muito, ou, muitas vezes, ocupando o espaço dos depósitos, onde se deterioram, indo, ao final de algum tempo, para o seu destino último, jamais desejado, que é o lixo ou, na melhor hipótese, à venda como papel velho.

2 Contando uma história

A falta de circulação do livro universitário levou o Conselho de Reitores a discutir o assunto, durante a Reunião dos Reitores das Universidades do Nordeste, realizado na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, em abril 1982.

Em consequência daquela reunião e com o objetivo de buscar soluções para os problemas enfrentados pelas Editoras Universitárias, foi realizado o 1º Encontro das Editoras Universitárias do Nordeste, patrocinado pela Universidade Federal do Ceará, na cidade de Fortaleza, em 1982, tendo sido analisada e exaustivamente a problemática da distribuição do livro.

Naquela oportunidade, as editoras universitárias presentes assumiram criar uma sistemática de distribuição universitária do livro, quando cada instituição inscrita no Encontro, enviaria às demais 25 exemplares do catálogo

de suas publicações. As publicações escolhidas seriam solicitadas e comercializadas através de Postos de Vendas e Livrarias Universitárias já existentes em cada IES.

As Instituições participantes da nova rede de distribuição concederiam um desconto da ordem de 50% do preço de capa, sendo que as despesas com a remessa dos livros ficariam a cargo da Instituição remetente e todas as publicações solicitadas seriam enviadas em consignação.

Em agosto do mesmo ano, foi realizado o II Encontro Nordestino de Editoras Universitárias, com sede na Universidade Federal de Pernambuco, objetivando discutir uma política de preço, visando estabelecer uma certa uniformidade de custo entre os participantes.

Um terceiro Encontro, definido, inicialmente, para se realizar na Bahia, foi transferido para Brasília, acontecendo, paralelamente, durante o 5º Seminário de Publicações Oficiais Brasileiras, de 3 a 8 de julho de 1983 (5º SPOB).

Os Editores Universitários presentes ao 5º SPOB, após discussão sobre o livro universitário e sua problemática, resolveram encaminhar ao Ministério da Educação, um documento que destacava a produção editorial, o Programa de Estímulo da Produção Intelectual nas Instituições de Ensino Superior (PROED) e a distribuição e comercialização do livro. Naquela ocasião, destacou-se que não bastava o papel de pesquisar e ensinar, desempenhado pelas Universidades, era necessário que as experiências de sala de aula e dos laboratórios de pesquisa permanecessem e chegassem à comunidade universitária em geral, através do veículo duradouro que é o livro.

Para que isso acontecesse, era preciso que o Ministério da Educação mantivesse e ampliasse o programa de estímulo à editoração universitária – PROED - para as demais universidades, até então não beneficiadas e que estivessem em condições de desenvolver um programa editorial eficaz.

As Editoras presentes àquele encontro, sentindo a necessidade de distribuir e comercializar a crescente produção editorial, resolveram apoiar a iniciativa já desenvolvida entre as Universidades do Nordeste, de modo que cada uma delas, através de suas Livrarias e Postos de Vendas, pudessem distribuir a produção editorial, não só própria como das demais universidades, surgindo, dessa forma, o Programa Interuniversitário para Distribuição do Livro (PIDL).

Cumprindo o estabelecido em 1983, no III Encontro Nordestino de Editoras Universitárias, foi realizado, em 1984, sob o patrocínio da Univer-

sidade Federal Fluminense, o I Seminário Nacional de Editoras Universitárias, tendo como finalidade precípua avaliar o PIDL, implantado quando do encontro anterior, em Brasília.

Em 1985, em Salvador, sob o patrocínio da Universidade Federal da Bahia, foi realizado o II Seminário Nacional de Editoras Universitárias, que teve como objetivos avaliar o desempenho do PIDL e identificar alternativas que viabilizassem o aprimoramento do programa.

Ainda em 1985, quatro eventos abriram espaço para discussão sobre o PIDL:

- setembro/1985 – PUC/São Paulo – Ciclo de Debates sobre “A publicação universitária hoje”.
- setembro/1985 – Câmara Brasileira do Livro – encontro com o coordenador da comissão do livro universitário.
- outubro/1985 – EDUNI – Sul (Associação das Editoras Universitárias da Região Sul) – discussão sobre política nacional de ampliação da promoção e venda dos títulos universitários.
- outubro/1985 – Universidade Estadual de Feira de Santana – V Jornada Universitária – Distribuição da Produção Editorial Universitária.

Em maio/1986, foi realizado, em Campinas/São Paulo, sob o patrocínio da UNICAMP, o III Seminário Nacional de Editoras Universitárias e, mais uma vez, o PIDL teve garantido um tempo e um espaço para aprofundar a discussão sobre o que se constituía, então, “uma das poucas ou a única iniciativa concreta de trabalho conjunto entre as diversas unidades de ensino superior do país”.

Ainda em 1986, durante a 43^a (quadragésima terceira) reunião plenária do CRUB (Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras), foi feita uma comunicação acerca do livro produzido pelas Editoras Universitárias.

Neste ano de 1987, a SESu/MEC (Sub-Secretaria de Ensino Superior do Ministério de Educação e Cultura), objetivando uma maior participação das Editoras Universitárias na modificação das normas que definiam o PROGRAMA DE ESTÍMULO DA PRODUÇÃO INTELECTUAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR/PROED, fez realizar dois encontros – Florianópolis e Salvador – onde foram definidas novas normas para o Programa, inclusive sugerindo à SESu que só fossem contempladas, com recurso, as instituições que tivessem plano de distribuição definido, principalmente o PIDL.

3 Analisando o hoje

Aqui estou, participando do 6º SEMINÁRIO SOBRE PUBLICAÇÕES OFICIAIS BRASILEIRAS.

Aqui estou como coordenador do PIDL e, como tal, me coloco, como todos aqueles que, mesmo tendo a clareza de que nem tudo nos cabe fazer, lutam pela realização do possível, de forma consciente e comprometida...

O PIDL é um programa que tenciona fazer circular o livro produzido pelas Editoras Universitárias. O autor universitário, muitas vezes, não se sente estimulado a produzir material para publicação, pois sabe que o destino comum do seu livro, após um lançamento festivo, é ganhar um espaço numa prateleira e ali permanecer...

O PIDL é o gesto concreto de 45 (quarenta e cinco) IES que atualmente integram o Programa e que, como tal, privilegiam o alcance de dois objetivos inerentes às Editoras Universitárias:

- divulgar a produção cultural e científica da Universidade entre os elementos componentes da comunidade universitária e da sociedade como um todo;
- intercambiar as obras publicadas pelas diversas Editoras Universitárias.

Como já afirmamos anteriormente, o PIDL vem se constituindo numa das poucas ou a única iniciativa concreta de trabalho conjunto entre as diversas unidades de ensino superior do país. Pode e deve ser considerado como uma vitória dos editores universitários, a partir da análise dos resultados quantitativos e qualitativos alcançados até aqui, em termos de mobilização, integração e participação.

Essa sistemática de distribuição tem sido responsável pela multiplicação dos Postos de Vendas ou Livrarias dentro dos Campus Universitários e tem se tornado uma alternativa capaz de privilegiar obras nacionais, além de possibilitar, a cada editora universitária, avaliar, comparativamente com as demais, a sua própria produção, em termos quantitativos e fundamentalmente em termos qualitativos, incluindo-se forma e conteúdo. Um outro ponto positivo a destacar é o aumento do índice de adoção, por parte de professores, de livros produzidos por outras editoras universitárias, criando uma nova mentalidade no âmbito das instituições de ensino superior, entre escritores, professores, pesquisadores, editores, alunos, etc., no que se refere à publicação, produção e divulgação de títulos.

Mas não estamos satisfeitos.
 Queremos mais...
 editar mais
 publicar mais.

Percebemos ainda, entre unidades integrantes do PIDL, uma postura de incompreensível passividade em relação à publicação, à distribuição, à comercialização de sua produção editorial...

- falta agilidade administrativa
- falta vontade política de participar
- falta intenção de comprometer-se, assumir o desafio.

É inadmissível, em um país como o nosso, com os nossos problemas e as nossas dificuldades, aceitar-se semelhante perfil de um editor universitário.

Do mesmo modo, é inaceitável, por parte de quem detém o poder de editar, furtar-se à participação em um movimento nacional que vem demonstrando, a curto prazo e sem incentivos institucionais maiores, um maior reconhecimento para os textos publicados por brasileiros para os brasileiros. Através do PIDL, podemos apontar uma série de títulos adotados em uma universidade e que foram produzidos em outra Instituição de Ensino Superior. Isto significa troca de saber nacional. Se levarmos a sério a distribuição interuniversitária, poderemos, em pouco tempo, formar a maior rede de distribuição do país, colocando à disposição do estudante brasileiro uma ampla produção editorial de alto valor cultural e científico.

Como sabemos, as distribuidoras privadas têm se mostrado indiferentes às publicações oficiais. Quando têm interesse, a experiência tem demonstrado que a forma de prestação de contas não tem sido satisfatória. Uma das causas do desinteresse é o baixo custo dessas publicações. Distribuidores e livreiros argumentam que a margem de lucro é pequena. Sendo o livro um produto de venda como outro qualquer, que ocupa espaço idêntico nas prateleiras das livrarias, é evidente o interesse pela venda de livros mais caros, pois a margem de lucro é sempre maior. Leve-se em conta, ainda, que as publicações oficiais têm normalmente um público específico, não muito numeroso, determinando uma venda restrita dessas publicações.

Por outro lado, não nos cabe concorrer com o mercado livreiro em nível de competição comercial. Cabe aos Editores Oficiais publicar textos de alto valor cultural e científico, claramente impossíveis de serem editados, por motivos comerciais, por editoras privadas. Cabe também, ainda, o importante papel de lançar o autor novo, que dificilmente tem acesso ao mercado editorial privado. Estas dificuldades apontam claramente a necessidade de se en-

contrar uma forma de fazer circular toda essa produção entre as Instituições oficiais, consumidoras naturais desse universo editorial.

O Ministério da Educação dispõe de um Programa especial, PROED (Programa de estímulo a produção editorial das IES), que tem, entre outros objetivos, os seguintes:

- 1) publicação prioritária de trabalhos que venham enriquecer as atividades de ensino;
- 2) prioridade para publicação de trabalhos, particularmente nas áreas em que a bibliografia existente é precária;
- 3) valorização dos assuntos relacionados com a região;
- 4) fortalecimento dos conselhos editoriais para seleção rigorosa dos textos;
- 5) sistema de co-edições com editoras privadas e outros órgãos;
- 6) apresentação gráfica cuidadosa, porém econômica;
- 7) obrigatoriedade de normalização das publicações das IES de acordo com normas de documentação da ABNT.

Algumas Instituições de Ensino Superior, beneficiadas pelo PROED, têm-se limitado a sua função editorial básica. Acreditamos que original editado e não distribuído é original inédito, portando sem justificativa do investimento público feito.

Em março do corrente ano, em dois Encontros que aconteceram nas Universidades Federais de Sta. Catarina e Bahia, os editores presentes ao Encontro discutiram as diretrizes básicas do PROED e apresentaram, para sua operacionalização, as seguintes sugestões:

- 1) Todas as instituições de ensino superior podem pleitear apoio financeiro ao PROED, desde que apresentem as seguintes características:
 - a) os projetos apresentados tenham sido aprovados pelo Conselho Editorial das Editoras Universitárias (ou da sua IES, quando não dispuser de Editora), preferencialmente constituído de representantes das diversas áreas do conhecimento;
 - b) os projetos apresentados façam parte de um único plano editorial das IES;
 - c) os projetos apresentados indiquem um plano de divulgação, distribuição e comercialização, preferencialmente através do PIDL;
 - d) os projetos apresentados indiquem mecanismos que permitam que os recursos financeiros oriundos da comercialização das obras sejam reaplicados no projeto editorial das IES.

Dessa forma, todas as Instituições beneficiadas estariam automaticamente atreladas a um sistema de distribuição, integrando toda a rede editorial pública desse país.

Acabamos de realizar um novo encontro. No início de setembro, estivemos reunidos em Goiânia, quando foi criada a Associação dos Editores Universitários, a quem ficou vinculado o PIDL, que passa, a partir de agora, a ter força jurídica.

Também em Goiânia, fomos informados que os recursos do PROED terão a sua distribuição vinculada à existência de um plano de divulgação, distribuição e comercialização, preferencialmente através do PIDL.

São três novas conquistas dos Editores Universitários na batalha que travam para editar mais e publicar mais o que deve ser editado e publicado.

Ao concluir, podemos e devemos destacar a importância do PIDL, quando sabemos que livro publicado por uma determinada instituição de Ensino Superior está sendo amplamente adotado em outras, determinando a circulação do saber nacional. Com isto, autores novos que não teriam acesso ao mercado editorial privado passam a ser valorizados, pois suas obras, antes desconhecidas, são testadas e aceitas pelo público alvo. Isto começa a despertar entre os produtores de textos ligados a Instituições públicas, a vontade de publicar seus livros ou artigos, pois sabem que eles não ficarão inéditos. Essa troca de experiência tem sido também bastante salutar no que diz respeito à melhoria do padrão editorial das publicações oficiais, pois, desse modo, todos os livros e revistas, quando colocados nas livrarias universitárias, servem de constantes pontos de comparação, fazendo com que cada editor se esforce no sentido de melhorar o seu padrão editorial. O mais importante, contudo, ao nosso ver, é a possibilidade de chegar, às Instituições afastadas dos principais centros, toda a produção editorial brasileira, beneficiando, desse modo, aquela comunidade universitária carente de publicações destinadas ao 3º grau, que, como sabemos, as livrarias das pequenas cidades não se interessam em vender, pelo fato de que o índice de comercialização é pequeno.

Conclamamos a todos os presentes, que ainda não participam do Programa, que discutam, internamente, em suas instituições, o projeto de distribuição já existente, e encontrem uma solução viável para sua participação.

Editar não é tudo. Urge conscientizarmos-nos da necessidade de manter uma vigorosa política de distribuição do Livro Universitário. É necessário publicar.

Abstract – Analyses the function of the University Press and questions its role: editing ou editing and publishing. Presents the history, in a synthetic way, of the movement of University editors beginning in 1982, pointing out the PIDL – Programa Interuniversitário para Distribuição do Livro (Interuniversity Program for Book Distribution) as an alternative to, among Other things, not only making the cultural and scientific production of the University known by the members of its community and society as a whole, but also interchanging published works with the several Othe organs of University Press.